

A EDUCAÇÃO NO BAIXO MERETRÍCIO: ESCOLARIDADE DAS GAROTAS DE PROGRAMA DO CENTRO DE FORTALEZA

VERÔNICA GOMES DOS SANTOS

Doutoranda em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará. Linha de História e Memória da Educação. E-mail:veronicaufc@gmail.com

Introdução

O universo da prostituição é curioso, complexo e provocador. Muitos têm algo a dizer sobre o tema e as opiniões são bastante divergentes.

Para Barros (2006), pode-se encontrar quatro grupos nesse contexto: *(1) os que condenam esta prática; (2) os que toleram e aproveitam, mas a criticam; (3) aqueles que a aceitam no intuito de explorar rendas e benefícios e (4) os que defendem a prática e sustentam a possibilidade de sua regulamentação.*

Adler (1982), sobre as meretrizes, pontua que “ela não nasce prostituta, ela se torna uma. É uma profissão e não um estado. (...) a prostituta é uma insubmissa. (...). O inverso de uma feminilidade ajuizada e maternal, elas provocam atração e repulsão”.

Como reflexo de uma sociedade patriarcal, as mulheres são reprimidas. Quando essas mulheres lidam de maneira aberta com a sexualidade, essa repressão passa a ser maior, pois sexo desenfreado passa ser condenado. Trata-se da moral cristã. Trata-se do controle, da repressão sexual.

Nesse cenário a prática do amor venal se concretiza. Ao longo da história a representação social da prostituta se modifica, já teve seus momentos de exaltação. Esse estigma nem sempre foi presente. Elas já foram vinculadas a divindades. Percebidas como reencarnação de Afrodite.

Na antiga civilização grega, a prostituição fazia parte da paisagem cotidiana, era um meio de obtenção de rendimento

igual a qualquer outro e uma prática controlada pelo estado. As prostitutas deviam pagar altos impostos e vestir-se de forma a serem identificadas como tal. (...) A prostituição era uma profissão tão rentável que algumas mães incentivavam as filhas a fazer carreira. Aspásia, por exemplo, tornou-se uma prostituta famosa e admirada pelas qualidades intelectuais a ponto de o grande Sócrates levar seus discípulos para ouvi-la – o contrário do que ocorria com as jovens destinadas ao casamento, que se dedicavam exclusivamente ao trabalho doméstico. Curiosa expressão da legendaria democracia grega: só as prostitutas tinham acesso ao conhecimento. (CECARELLI, 2008)

Roberts (1998) registra a diferença da educação recebida pelas mulheres, pois “a educação de uma esposa ateniense era restrita às habilidades domésticas da cozinha, da costura e do ‘cuidado da casa; o conhecimento intelectual era proibido a uma esposa, pois esta era a marca de uma prostituta”.

O fato é que a prática da prostituição é muito antiga e, provavelmente, continuará existindo por longos anos ou por todos os anos na sociedade atual de consumo, mesmo que seja visto como um mal necessário por alguns.

A expansão do comércio do prazer e a sofisticação crescente do mundo da prostituição provocaram reações moralistas entre setores diversificados da população (...) médicos, juristas e criminologistas tentaram unificar seus esforços no sentido de definir a melhor forma de intervenção dos poderes públicos na organização do mundo do prazer, o que, na verdade, quase nunca deu bons resultados. (RAGO, 1991, p.107)

De acordo com Bacelar em seu trabalho sobre a família da prostituta, realizado no baixo meretrício de Salvador,

o fenômeno da prostituição deve ser entendido como um produto das desigualdades econômicas existentes na sociedade e, por outro lado, como reflexo direto das estruturas de dominação e poder que institucionalizam a condição se-

xual da mulher. Dessa forma, a compreensão do significado da prostituição na sociedade contemporânea está intrinsecamente relacionada com a condição social da mulher e a política sexual vigente. (1982, p. 68)

A postura social em relação aos relacionamentos se transformou. Relações sexuais antes do matrimônio são comuns, e ainda assim, a procura pelas prostitutas não cessa. O número de prostitutas e de espaços favoráveis a sua prática só aumenta, inclusive nas áreas nobres das capitais brasileiras. Rago (1991) comenta que processo de modernização, de crescimento econômico, de explosão demográfica e de testerritorialização das subjetividades impulsionou o alargamento dos territórios dos desejos.

O processo de pauperização das camadas urbanas desprivilegiadas e o crescente afluxo de mulheres desprovidas de habilitação ou qualificação profissional, somados à ausência de perspectivas concretas para sobreviver, contribuem não só para a arregimentação de prostitutas para o baixo meretrício (...). (ANJOS JÚNIOR, 1983)

A história de luta dessas mulheres é recheada de fortes acontecimentos, pois enfrentar uma cultura machista, moralista e cristã requer muita coragem e personalidade. Infelizmente, essas histórias não são bem vistas. Não há interesse em melhorar as condições de vida, de trabalho e até mesmo de sociabilidade desse grupo que vive na marginalidade. “A devassidão como característica do trabalho da prostituta é comumente associada como condição pecaminosa (...), o que perpetua a situação estigmatizadora”. (ANJOS JÚNIOR, 1983)

Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar as trajetórias escolares de garotas de programa atuantes em casas de prostituição situadas no Centro da cidade de Fortaleza, considerados espaços de baixo meretrício, a partir dos anos 2000. Investiga-se, portanto, a história e memória do tempo presente.

A Escolaridade no Baixo Meretrício

Os motivos pelos quais inúmeras mulheres vão à batalha são diversos.

Os autores costumam dividir as causas da prostituição em bio-psíquicas e econômico-sociais. Há prostitutas na constituição mental e orgânica das quais encontramos com facilidade a gênese da prostituição. Há mulheres que nascem predispostas ao meretrício como há as que nascem predispostas à tuberculose ou à loucura. (TIRADENTES, 1978)

No estudo feito por Anjos Júnior sobre a prostituição de baixo meretrício no Farol do Mucuripe, em Fortaleza, ele defende que

A carência objetiva de trabalho nas pequenas cidades e no meio rural, a desqualificação profissional, a baixa ou nenhuma escolaridade, a ausência de perspectivas e também o fato da 'perda da honra' (...)constituem fatores basilares que contribuem para o ingresso na chamada 'vida fácil' pela necessidade em sobreviver". (1983, p.22)

Os tipos físicos das integrantes desse meio também são os mais diversos. Atende-se a todos os gostos. Todavia, relacionando o espaço e as condições de trabalho pode-se claramente verificar duas categorias de prostituição: o baixo meretrício e a prostituição de luxo. As prostitutas de classe social menos favorecida apresentam um discurso de que dentre os motivos que as levaram a escolher tal ramo de atividade se encontra a “necessidade de dinheiro, de ter como se sustentar e como sustentar seus filhos” (GUIMARÃES, 2008). Essa justificativa para entrar no mundo da prostituição não é serve para explicar a permanência delas nesse meio. “O fato é que, para a grande maioria das mulheres, seja qual for a sua classe, educação e perspectivas de carreira, a prostituição ainda representa a opção mais lucrativa”. (ROBERTS, 1998, p.83)

Assim se apresenta o baixo meretrício, onde as mulheres cobram preços menores, fazem pontos em locais públicos e comparada a outra categoria usam roupas e acessórios de baixo custo. São mais acessíveis, menos exigentes com os clientes.

Por outra via, há prostitutas ditas como de luxo, que pertencem a uma classe social mais elevada. Essas “justificam sua prática também como uma forma de conseguir dinheiro, com a diferença que esse dinheiro é usado para satisfazer seus caprichos, para uma ascensão à sociedade do consumo” (idem). Tanto as vestimentas, os locais frequentados, e as exigências feitas exibem como são consumistas. Isso pode ser demonstrado nos inúmeros sites de acompanhantes. Verifica-se também que os tipos de clientes dessas meninas são outros, assim como os motéis frequentados. Os cachês são bem mais elevados. Algumas delas falam outros idiomas e também levam acessórios sexuais para o prazer do cliente. Atendem homens, mulheres e casais.

Alguns autores ainda incluem o médio meretrício, onde se situam garotas numa situação intermediária.

Acompanhando o progresso social, o mercado do sexo também avança. As relações entre prostituta e cliente se aprimoram. Surge a prostituição virtual. Vende-se sexo via telefone e internet.

Para se prostituir a mulher não precisa ter qualificação profissional. Não existe grau de escolaridade mínimo para exercer tal função. Dessa forma se torna mais fácil o acesso a esse universo.

O baixo meretrício de cabaré impõe à prostituta um ritmo de atividade bastante acelerado, de tal forma que os dias, os meses, os anos passam muito rapidamente. Geralmente, a preocupação com o “fim de carreira” emerge quando a prostituta já há algum tempo está em atividade. (ANJOS JÚNIOR, 1983)

Quanto menos experiência no ramo tiver, mais valorizada profissionalmente ela será, ainda que por um período de curta duração. É uma atividade em que a concorrência é alta. Elas estão

sempre mudando a cor dos cabelos, inovando o visual. Quando idade avança a prostituta já não é mais tão procurada e tem que pensar em outra fonte de renda. É comum planejarem ter um próprio negócio na área prostituinte.

A prostituição não é crime no Brasil. De acordo Código Penal Brasileiro, o crime é caracterizado quando há exploração sexual.

Embora não regulamentada, a profissão de prostituta consta na Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Sobre a formação e experiência da categoria, encontra-se no site: *para o exercício profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, o acesso à profissão é restrito aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na faixa de quarta a sétima séries do ensino fundamental.*

Ainda no site do MTE, no espaço que descreve as competências pessoais da profissional do sexo, 12 são citadas: *Demonstrar capacidade de persuasão; Demonstrar capacidade de comunicação; Demonstrar capacidade de realizar fantasias sexuais; Demonstrar paciência Planejar o futuro; Demonstrar solidariedade aos colegas de profissão; Demonstrar capacidade de ouvir; Demonstrar capacidade lúdica; Demonstrar sensualidade; Reconhecer o potencial do cliente; Cuidar da higiene pessoal; Manter sigilo profissional.*

Percebe-se que são muitas as atribuições. Embora não haja tantas exigências para entrar na zona, já que não requer formação, permanecer nela não é tão simples. Embora conhecida como vida fácil, o dia a dia na prostituição é desafiador.

Os percalços do dia-a-dia conferem à prostituta de zona uma vida muito mais difícil do que se imagina, as dificuldades vêm de todos os lados, da clientela à 'madame', da repressão e do desgaste físico e à perda da saúde, ela assume os riscos e o estigma de seu trabalho, mas separa perfeitamente, dentro de sua identidade pessoal, o papel dito como divergente de outros papéis normalmente por ela desempenhados, quando não se identifica como prostituta. (ANJOS JÚNIOR,1983, p.15)

A concorrência, o envelhecimento, o estigma, o desgaste físico e psicológico, o risco de violência e de contaminação através do ato sexual.

Seu comportamento geralmente agressivo e insultuoso faz parte de um complexo mecanismo de defesa duramente aprendido sob dominação. Por compreender e aceitar as variações de comportamento sexual de seus parceiros (e com isso dilatar seus ganhos), a prostituta percebe e incorpora a característica estigmatizante. (ANJOS JÚNIOR, 1983, p.17)

Para a permanência na profissão deve haver uma adaptação pessoal a realidade da mercantilização do corpo, assim como uma excelente capacidade de desempenho. Cumprir as competências descritas pelo MTE, certamente destacaria essa profissional.

A respeito da escolaridade das prostitutas, Anjos Júnior (1983, p.27), declara que

A maioria, mulheres desprivilegiadas e desgastadas pela natureza da atividade, fica geralmente numa situação desfavorável. (só as mais bem dotadas fisicamente conseguem alguma coisa). O índice de escolaridade é baixíssimo, analfabetas ou semi-analfabetas em maioria, o que não tem nada a ver com inteligência pessoal e habilidade no trato com a vida.

Para o aluguel do sexo, não importa a escolaridade. Na sua investigação o autor detectou um nível de escolaridade muito baixo, mas isso não determinava o desempenho das garotas como prostitutas.

Atualmente observa-se declarações públicas de garotas de programa sobre a profissão escolhida.

“Você estudou em bons colégios, não tinha razão para fazer o que fez.” Diretora do colégio onde estudava Bruna Surfistinha.

Gabriela Leite, atual presidente da Rede Brasileira de Prostitutas, iniciou o curso de Sociologia na USP, mas largou os estudos para trabalhar no mercado do sexo, no final dos anos 60. De classe

média, atuou no baixo meretrício nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Em seu blog, faz declarações marcantes como: “Eu gosto muito de ser avó. Mas também gosto muito de ser puta.” “Sexo sempre foi prioridade na minha vida”.

Em abril de 2013, uma graduada em Letras pela Universidade Federal de São Carlos assumiu ser garota de programa. Revelou que é prostituta porque gosta. “Tem uma categoria nos sites de acompanhantes que são de universitárias e fazem isso porque fazem faculdade particular e precisam pagar, mas eu nunca precisei disso, sou inteligente, fiz faculdade, optei por isso, qual o problema?” A moça ainda acrescentou: “Também quero dar aula, mas por hobby, e, além disso, também tem a questão financeira, porque dando aula hoje você quase não se sustenta”, analisou Gabriela, 21 anos, em entrevista ao g1.globo.com.

Procedimentos Metodológicos

Para realização da pesquisa utilizou-se o método qualitativo. Foram feitas entrevistas com 10 prostitutas sobre o nível de escolaridade, em cinco territórios de prostituição selecionados. “É importante, principalmente na fase inicial, que as entrevistas sejam abertas, onde o informante fala de tudo, para que se conduza a entrevista como captação da história de vida.” (ANJOS JÚNIOR, 1983, p.05)

Das nove garotas investigadas até o momento, maior parte concluiu o ensino médio e em escola pública. Três fazem algum curso de nível técnico (1 em radiologia, 1 em administração, e 1 curso técnico em enfermagem) A que faz curso de administração pretende como essa formação continuar na prostituição, mas em um posto mais alto. Muitas meninas pretendem ter seu próprio cabaré.

Três terminaram o ensino médio, já trabalharam em outras áreas, com vendas ou em como empregada doméstica, pensam em mudar de ramo, mas não encontram trabalho com a carga horária e salário compatíveis com o atual.

Uma terminou o ensino médio e está fazendo cursinho preparatório para vestibular. Duas completaram apenas o ensino fundamental.

Todas as investigadas possuem mais de 05 anos de prostituição.

Os resultados parciais mostram que a maioria possui nível médio. Nenhum declarou-se universitária ou com curso superior.

Considerações Finais

Pesquisas realizadas na década de 90 mostram que o grau de escolaridade de meretrizes era muito baixo. Considerando que a escolaridade dos jovens no Brasil está aumentando, há mais investimento na educação embora não seja o desejável, além de a educação estar mais acessível à população em geral. Nesse contexto percebe-se que o nível de formação das prostitutas do Centro cresce. Elas têm mais oportunidades para qualificação profissional, porém, tal fato não diminuiu o número de garotas que optam no ramo, pois, para elas ainda é a opção mais rentável além da flexibilidade de horários e ganhos imediatos.

Observa-se a busca da categoria por cursos técnicos por parte de prostitutas que trabalham nesse universo há diversos anos, pois sabem que os ganhos com a atividade prostituinte ficam mais difíceis à medida que a idade avança e já pensam em uma formação profissional para o futuro.

Referências Bibliográficas

- ADLER, Laure. *Os bordéis franceses (1830/1930)*. São Paulo: companhia das Letras/ Círculo do livro, 1991.
- ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício*. Fortaleza, UFC, 1983.
- BACELAR, Jeferson. A. *A Família da Prostituta*. Ensaios 87. SP, Ática e Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

- BARROS, Lúcio Alves de. *Mariposas que trabalham. Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte*. Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 827, 8 out. 2005. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7356>. Acesso em: 26 out. 2006.
- CECARELLI, Paulo Roberto. *Prostituição – Corpo como mercadoria* in: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008
- FÁBREGAS – Martínez, Ana Isabel. *Na Batalha: sexualidade identidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000. 100p.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª. edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara, 1988.
- GUEDES, Mardônio. *Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930 – 1940)*. In. *Gênero. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha*, 2002. (coleção fortaleza: história e cotidiano).
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).
- MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 287p.
- RAGO, Luzia M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991.
- ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- SIMON, C. P. *Prostituição Juvenil Feminina: uma abordagem compreensiva*. 1999. 205p. Dissertação de Mestrado (Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto – SP.

SOUSA, Francisca Innar de. *A Função social da prostituta*. In. Revista Educação em Debate. Ano 17/18, nos 29, 30, 31 e 32. p. 65-83.

_____. *Experiências masculinas e femininas nos territórios da sexualidade: permanências e mudanças*. 2004. 354p. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIRADENTES, Oscar. *Fatores determinantes da delinqüência feminina*. Editora Rio. Rio de Janeiro, RJ, 1978.

VASCONCELOS, José Gerardo. *Território do Prazer, Moral e Prostituição*. In. VASCONCELOS, J.G. et alli. *Lápis, Agulhas e Amores*. Fortaleza: EUFC, 2010. pp. 271 – 282. (Coleção Diálogos Intempestivos, nº 90).